

PERFORMAR E EXPANDIR COMUNIDADES ON-LINE: PENSANDO EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM AÇÕES DE SLAM NA PANDEMIA

PERFORMING AND EXPANDING ONLINE COMMUNITIES: THINKING ABOUT
AN ANTIRRACIST EDUCATION IN SLAM ACTIVITIES DURING THE PANDEMIC

Guilherme Ferreira¹

Resumo: O Slam das Minas RJ é um coletivo de poesia que surge no espaço público, na rua e na ocupação da cidade, promovendo um modo de imaginação pública, a partir da qual pode ser lido, interpretado e compreendido. Durante os anos pandêmicos de 2020 e 2021, o grupo realizou uma migração das ruas às redes. Podemos afirmar, portanto, que a comunicação globalizada por meio da internet possibilitou que coletivos artísticos de rua seguissem atuando nas redes sociais durante o período de pandemia. Nesse ensaio, trago o debate sobre educação antirracista em que evidencio o importante trajeto que o Slam das Minas RJ vem trilhando ao emergir relatos da história negra brasileira que, por muitas vezes, em benefício de uma histórica supremacia branca, política e social, se mantiveram apagados. Na esperança de enriquecer a análise, reflito a rede social como espaço de ativismo, adentrando no estudo de poemas publicados no Instagram do coletivo que flertam com as discussões sobre protestos incitados, principalmente, pelo momento politicamente tensionado pela morte de George Floyd nos Estados Unidos, a explosão do Vidas Negras Importam no Brasil e os debates sobre a necessidade de ir ou não às ruas para protestar em meio a uma pandemia. Construo, ao fim, uma reflexão sobre o uso das redes sociais como um espaço de armazenamento para todo esse trabalho do Slam das Minas RJ.

Palavras-Chave: slam; pandemia; educação antirracista; redes sociais; poesia feminista.

Abstract: Slam das Minas RJ is a Brazilian poetry group which emerges in the public space, on the streets, and in the occupation of the city, promoting a way of public imagination from where it is possible to be read, interpreted and comprehended. During the pandemic years of 2020 and 2021, the group migrated from the streets to the cyberspace. Therefore, we can assume that the

¹ Mestre em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. Doutorando em Letras (Ciência da Literatura) na Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2660-3630>. E-mail: guilherme_ferreira002@hotmail.com.

globalized communication through internet allowed the continuity of artistic groups, acting in social media during these years. In this essay, I present a debate on antiracist education, in which I evidence the important trajectory the Slam das Minas RJ has been treading by means of emerging black history reports. Most of the time, these stories were kept erased. In order to enrich this analysis, I also reflect on social media as an activism space, stepping into the studies of poetries published on the collective's Instagram account. These videos are related to discussions on protests encouraged by the politically pressured moment of George Floyd's death in the USA, the booming of the Black Lives Matter movement in Brasil, and debates about the necessity of protesting on the streets during the pandemic. To sum up, I present a reflection about the use of social media as a storage space to the work of Slam das Minas RJ.

Keywords: poetry slam; pandemic; antiracist education; social medias; feminist poetry.

Desde a sua chegada ao Brasil,² o *poetry slam* sofreu diversas adaptações, interferências e um hibridismo a outros movimentos de poesia e performance periféricas que estavam em ação nas ruas de grandes metrópoles. Hoje, indicar o que é o *slam* produzido no Brasil não é tarefa fácil, uma vez que aquilo que era definido como uma competição de poesia, atualmente também assume outras posições.

Nome dado à uma batalha que inicialmente ganhou espaço em centros culturais e praças públicas de cidades nos quatro cantos do Brasil, o *slam* hoje em dia está presente em festivais de música, feiras de literatura, difundido em toda internet e publicado em diversos livros físicos, como “Querem nos calar: Poemas para serem lidos em voz alta” (org. Mel Duarte) e “As 29 poetas hoje” (org. Heloisa Buarque de Holanda).

O movimento também dominou as escolas. Em sua (ainda recente) história de atuação no cenário brasileiro, coletivos de *poetry slam* já vêm mostrando grande interesse em dialogar com uma parcela expressiva de crianças e adolescentes. Exemplo disso está na frequente presença desses coletivos poéticos nas instituições de ensino.

² Em 2007 com Roberta Estrela D’Alva e o ZAP! (zona autônoma da palavra) na cidade de São Paulo.

Idealizado pelo coletivo Slam da Guilhermina, o Slam Interescolar é o campeonato realizado em escolas de São Paulo desde 2014. Nele, colégios realizam competições interclasses, selecionando alunos poetas para representá-los no campeonato estadual. O projeto, que sempre atuou sem grandes recursos e sem patrocínio, ganhou em 2021 o prêmio Jabuti na categoria de inovação.

No interior do Estado do Rio de Janeiro, as professoras Penha Élide Guiotto e Olívia de Melo Fonseca lançaram “Lembranças à Carolina: releituras de um quarto despejado”, livro digital que reuniu poemas de *slam* feitos por estudantes do 1º ano do ensino médio do Instituto Federal Fluminense de Macaé. O livro foi fruto de um projeto realizado em 2020 a partir de aulas remotas devido à pandemia, criando pontes e diálogos entre as vivências dos alunos, o movimento *poetry slam* e os escritos de Carolina Maria de Jesus.³

Na cidade do Rio de Janeiro, o Slam das Minas RJ participou de projetos em que buscaram levar, por meio da poesia, o debate sobre racismo e orgulho negro para ambientes escolares. Em 2019, o coletivo foi até o colégio Pedro II do Humaitá, bairro da zona sul do Rio de Janeiro, em parceria com o projeto *Denegrindo Olhares* para realizar uma roda de poesia com alunos e servidores tocando em temas como racialidade, feminismo e preconceito.

O exercício de levar o *slam* às escolas acaba por gerar consequências favoráveis ao trabalho educacional de narrar as histórias negras para além daquelas perspectivas (muitas vezes) adotadas em materiais didáticos, isto é, com um discurso pedagógico em que o estereótipo de negro é retratado como infantil, incapaz intelectualmente e passivo em relação à escravidão (GONZALEZ, 1982).

³ Lembranças à Carolina: releituras de um quarto despejado [recurso eletrônico] – Macaé, RJ: [s. n.], 2021. *Download* disponível em: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaee/arquivos/livro/lembrancas-a-carolina-releituras-de-um-quarto-despejado.pdf/view>. Acesso em 25 de jul. de 2022.

A presença do *slam* em escolas, seja diretamente (com a participação dos *slammers*) ou indiretamente (com professores trabalhando poemas de *slams* em sala), auxilia no movimento de evidenciar a importância que há em reestruturar os currículos das escolas para que as histórias de povos afro-brasileiros sejam contadas para além de um mito de democracia racial (SKIDMORE, 1991), carregado de preconceitos e estereótipos, e fundamentado na miscigenação que marca a memória do país. A partir do *slam*, poetas debatem a necessidade em dar luz, portanto, à riqueza, cultura e arte apresentadas pela comunidade negra ao longo da linha temporal da história do Brasil.

Assim como nas últimas competições do Slam interescolar e no projeto *Lembranças à Carolina*, o Slam das Minas RJ precisou atuar remotamente a partir das redes sociais no período da pandemia do coronavírus. On-line, o coletivo elaborou diversos projetos que conectaram o gênero já conhecido por sua oralidade com as ferramentas e aplicações próprias do espaço digital. Com a explosão do movimento *Black Lives Matter* em todo o mundo, o grupo recebeu respostas positivas de um público que estava interessado em aprender e debater sobre racismo e racialidade no período em que a necropolítica do Estado atuava sem disfarces, respaldada pela pandemia.

Nesse tempo, o Slam das Minas RJ usou o Instagram como uma espécie de diário de quarentena, no qual poetas narraram o Brasil pandêmico a partir de suas performances e deixaram ali um registro de um país desgovernado. Suponho, portanto, que o aumento do número de seguidores, e automaticamente do engajamento na plataforma,⁴ se deu graças a um interesse por refletir temas que estavam em evidência e que apareciam nos poemas lançados regularmente pelo coletivo.

⁴ Com o desenvolvimento de projetos voltados para o público on-line, o Slam das Minas RJ viu a sua conta no *Instagram* crescer rapidamente em número de seguidores, indo de 16 mil seguidores para 23 mil em poucos meses.

A arte sempre foi uma fonte de conhecimento do mundo e a poesia produzida pelo Slam das Minas RJ, com suas dimensões menores, isto é, com maior poder de flexibilidade e de período curto de produção, proporciona que ela sempre esteja adaptável aos temas e problemas do seu tempo. Fez-se possível, portanto, que notícias que saíram ao longo do isolamento pudessem ser abordadas no projeto, trazendo reflexões sobre a dessensibilização contra a vida do outro, além de propor formas de combate à necropolítica fortemente consolidada na cidade carioca durante a pandemia.

A *Quarentena Poética* foi o primeiro entre esses trabalhos. Financiado pelo IMS (Instituto Moreira Sales), o projeto consistiu na postagem de um vídeo de *slam* por dia, ao longo de três meses, que serviram de instrumento para difundir os protestos incitados, principalmente, pelo momento politicamente tensionado da pandemia global e a explosão das manifestações presenciais/virtuais do *#VidasNegrasImportam* no Brasil.

A iniciativa tomada pelo coletivo serve de valioso exemplo de um trabalho de movimentação, visto que diversos dos poemas publicados se dedicaram a contar as histórias de descendentes pretos, sua importância e o nosso papel em continuar seu legado. Além disso, a potente representatividade negra presente no projeto (na época, seis dentre oito organizadores do Slam das Minas RJ eram “pretxs”) contribuiu para que a juventude negra se sinta acolhida, valorizada e se veja retratada nas vozes e corpos dispostos nessa comunidade virtual.

Em diversos dos vídeos disponibilizados em redes pessoais e canais do Slam das Minas RJ, por exemplo, nos defrontamos com energéticas críticas aos modelos de educação excludente difundida pelo Estado, suas sequelas na sociedade e formas de combater essa educação racista. Apresento um poema da carioca Andréa Bak (que além de *slammer* no Slam das Minas RJ também é

ativista e trabalha como assessora parlamentar) no qual evidencia bem os elementos apontados:

Como que um pedaço de papel pode falar mais forte que uma população inteira?

100 anos de atraso na pedagogia
querem tirar nossa sociologia
Deixar a gente sem filosofia

Qualquer reforma? não enfrentar.
Derrotar!
Mais de 150.000 mil pessoas sem estudar
Escolas fechadas, prisões abertas
Quando o crime te pega não tem hora certa

Chegar nos mais comuns essa é a parada
Que tua ideologia chegue em quem tá além da facul
chegue em quem tá na quebrada

70 deputados não podem falar mais alto
Eu imagino mesmo o morro descendo pro asfalto
Estourando os pneus
Vergalhão na linha do trem
Organizado vamo além
Intervenção militar? não!
Intervenção popular
Revolução!
A cada ano aumenta o número de bilionários
Enquanto isso mais pobre se ferrando
E preto apanhando pra fardado
A cada 23 minutos um João Guilherme morre
Destinado a matar os tais suspeitos
É preto tava de preto vestido de preto?
Então morre

Sem comida na casa
Dor e sofrimento
Olhando pra 7 crianças
Pensando se no dia seguinte vai ter alimento.
Esquerda dominando na escola
Não pense em doutrinadores
Eu falo de professores
E não de torturadores

E esses partidos
sem se limitar em só falar de mercado financeiro
sem se limitar em discutir política só com a zona sul do Rio de Janeiro

60 bilhões desviado pra banqueiro

Mil famílias sem onde morar
1 por cento de pessoas tem toda a riqueza
Desvia pra AmBev
E aumenta a pobreza

Vejo em cada menor que assalta
Desviando do tráfico
Um grande Assata
O choro dos irmãos nos comove
O sangue deles no chão já pode ter secado
Mas foi plantada a semente
E a resistência não morre

Na favela do faz quem quer
Perdemos muitos amigos
Pergunta pros menor que tão na lista
E vê se é isso que eles "quer"
Vendo os pais sofrendo
Os irmãos de fome morrendo
A boca pra eles são tudo que tá "tendo".

Nos sufocam a alienação
Tudo isso pro trabalhar não blindar com conscientização
Indígenas gritam ao som do plano de fundo do fogo queimando
Levando toda a força da natureza
Que foi sempre plantada de ancestralidade

Genocida homenageado em cada canto da cidade
Duque de Caxias racista
Enquanto memórias dos meus não tem museu que guarde
De cada mulher eu vejo a garra
Partindo de cada mulher preta eu vejo quem manda na parada
E mostrar pra esses escrotos que nós não somos farra.

Juventude fardada pegar em arma
Ou pra militar ou pra traficar ou pra se matar
Organização desorganizada
Faz showmício, faz ciranda e ainda quer fazer luta armada

Sem fechar os olhos pro que tá acontecendo
Espírito de revolucionário

Nós por nós
E por todos que estão morrendo.⁵

(*Quarentena Poética*. Dia 39).

O poema inicia com uma incisiva crítica à reforma no ensino médio, concernente à Lei 13.415/2017, que já vem sendo implementada pela secretária da Educação do Estado do Rio de Janeiro: “100 anos de atraso na pedagogia/ querem tirar nossa sociologia/ Deixar a gente sem filosofia”. Uma reforma que, segundo a poeta, surge para tornar a educação ainda mais excludente e desigual, principalmente para estudantes pobres de áreas marginalizadas da cidade. Trata-se de um problema antigo, fruto da política nacional que historicamente se dedicou a desenvolver a educação como ferramenta colonizadora. Ao impedir (ou, ao menos, dificultar) que o conhecimento chegue “nos mais comuns”, criam-se redes de alienação que restringem corpos marginais às profissões subvalorizadas – servindo à classe dominante sem se rebelarem. Encontramos aqui uma ação explícita do epistemicídio debatido por Sueli Carneiro, um dispositivo de racialidade que produz silenciamento por meio de várias tecnologias do biopoder, como a falta de acesso à educação.

Posto que a educação é reconhecidamente o instrumento mais efetivo e seguro de ascensão social, no Brasil, para as classes subalternas, o controle e distribuição das oportunidades educacionais vêm instituindo uma ordem social racialmente hierárquica. Acreditamos que essa maneira de administração das oportunidades educacionais permitiu a um só tempo a promoção da exclusão racial dos negros e a promoção social dos brancos das classes subalternas, consolidando, ao longo do tempo, o embranquecimento do poder e da renda e a despolitização da problemática racial, impedindo, ao mesmo tempo, que essa evoluísse para um conflito aberto. (CARNEIRO, 2005, p. 113).

⁵ BAK, Andréa. “Como que um pedaço de papel é mais forte que uma população inteira?” Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_VEvBRpM8Q/. Acesso em: 20 de jul. de 2022.

Andréa Bak exemplifica essa falta de oportunidade ao evidenciar, ainda, uma realidade presente em diversas favelas, de jovens entrando para o tráfico cada vez mais cedo: “Pergunta pros menor que tão na lista/ E vê se é isso que eles ‘quer’/ Vendo os pais sofrendo/ Os irmãos de fome morrendo/ A boca pra eles são tudo que tá ‘tendo’”. O Estado segue trabalhando com a posse de uma tecnologia mortal, formando jovens pretos e pobres direto para a sentença de morte. Quando a *slammer* diz que “A cada 23 minutos um João Guilherme morre”, ela revela dados divulgados pela ONU que comprovam que a cada 23 minutos morre um jovem negro no Brasil.⁶

A poeta evidencia a necropolítica instaurada no Brasil, na qual a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado” (MBEMBE, 2016, p. 128). Dessa forma, Bak desempenha papel de denúncia do racismo estrutural que cria um círculo social vicioso, fortalecido por meio de um sistema educacional que segue debilitando a camada mais pobre da pirâmide social.

Bak aponta a importância que há na ocupação das ruas, sendo essa a tática mais eficaz de enfrentar o Estado. A poesia de Andréa não esconde seu lado progressista, com versos que assumem posição de manifesto. A partir da intervenção popular, Bak idealiza um Brasil utópico: “Esquerda dominando na escola/ Não pense em doutrinadores/ Eu falo de professores/ E não de torturadores”. Quebrando o círculo vicioso que prende historicamente o povo preto brasileiro, faz-se possível reescrever a história e construir um futuro em que corpos pretos pertençam livremente.

6 “A cada 23 minutos morre um jovem negro no Brasil”. Disponível em: <https://www.sismmac.org.br/noticias/10/alem-dos-muros-da-escola/8938/a-cada-23-minutos-morre-um-jovem-negro-no-brasil>. Acesso em: 20 de jul. de 2022.

Em outro poema chamado “pandemônio”, a poeta maranhense Carmen Kemoly debate questões que se intencificaram com a pandemia, como o *lockdown*, o aumento da pobreza, o descaso do governo com vidas periféricas e as manifestações pelas vidas negras, que inuldaram tanto o mundo virtual quanto as ruas.

A essa altura do campeonato
 Não tem mais ninguém besta aqui não, ninguém escapa!
 Pra entender que hashtag tá longe de ser luta concreta, desgraça...
 É só uma tática
 É claro que vidas negras IMPORTAM
 Foram elas que vieram EX-POR-TA-DAS
 Pra construir esse país aqui, ó... De graça!
 Sendo chamada de macaca
 Foi esse o pagamento que recebemos dessa nação
 Que o nome é Brasil e o sobrenome é Farsa
 Mas por essa ninguém esperava
 Ficar em casa agora é lei
 Mesmo sem água na torneira, sem um tostão no bolso
 Playboy ainda vai dizer que é curtição de preguiça, né meu rei...
 Teu presidente confunde os discursos
 Trabalhador da periferia quer sair pra trabalhar
 “Mas meu senhor, estamos diante de uma Pandemia, parecida com
 aquelas 10 pragas que a Bíblia gosta de contar”
 E ele pergunta: é tu que vai me sustentar?
 Por hora esperamos deitadas a renda familiar
 Que demora uma vida pra chegar
 Esperando que esse seja um momento de RUPTURA
 Que a História vem profetizar
 E já tão pedindo o Impeachment do Bozo
 Não sei se choro ou se choro
 Sairia Bolsonaro entraria Mourão
 Vamo errar de novo na prática
 Onde foi que a gente enterrou a Radicalização
 Já estamos vivenciando censuras
 O Brasil virou um República Fascista Militar
 Povo preto, vamos raciocinar
 Se não é o nós por nós que tem nos mantido vivos
 Da cultura periférica à agricultura familiar
 Presta bem atenção nessa Nano, Biotecnologia
 E depois tu vem me dizer
 Se esse negócio de vírus e vacina
 Num é golpe pra nos robotizar
 Mas quem é que luta não estando presente?
 E já ceifaram a vida de tanta gente
 Gritamos Cláudia Presente, João Pedro, Ágatha, Marielle Presente
 E enquanto eu escrevia essa poesia
 Miguel foi morto pela patroa de sua mãe, Sinhazinha, Racista e
 Negligente

Não vai sobrar nem a cor da minha gente
Pra identificar que essas cenas, essas cenas não são de suspense
É gente da minha gente, é vida real
Mas pra eles nós nunca nem fomos gente, é surreal!
E nós sabemos que nossos ancestrais vieram foi lá das terras do
repente
Subindo morro sem repelente

Tomando sol quente
Nas matas, corpo fechado e cabeça rente

Se atente

O plano deles era em 100 anos terem exterminado a melanina dos
meus precedentes

Com a miscigenação que tentou clarear a cor dos meus parentes
E desse solo sagrado ainda vai ressurgir um ponto de ligação
Juntar aldeia, asfalto, quilombo, tá formada nossa facção
Vai ter magia, feitiçaria, encantaria, cobrando a cabeça desses
ladrão

E eu quero meu ouro de volta e não tô falando de migalha
Tô falando de completa, integral e profunda reparação.⁷

(*Quarentena Poética*. Dia 84).

“Pandemônio” abre com uma afiada crítica à superficialidade presente em protestos pelas redes sociais. Performances vazias e engajamentos a partir de *hashtags* e imagens impactantes acentuam um senso de ação que, segundo a poeta, não colaboram na prática com o enfrentamento na luta pelas vidas marginais. A reprovação de Carmen Kemoly recai, especificamente, ao movimento *#BlackLivesMatter* que, em maio de 2020, ganha ainda mais potência nas mídias digitais dado o perigo de quebrar com as regras de distanciamento social estabelecidas no Brasil.

No entanto, ao buscar na memória momentos emblemáticos da luta contra o genocídio do povo preto e pobre nos últimos anos (como exemplo recente, tivemos as articuladas mobilizações de 2018, pós-assassinato da

⁷ KEMOLY. Carmen. “Pandemônio”. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBIWCUpXbs/>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

vereadora Marielle Franco, que desencadeou a viralização de movimentos gigantescos como o #MariellePresente), torna-se inadequado (e de tal modo, inconsequente) minimizar o papel da internet no aumento da pressão popular em decisões políticas. Decisões geradas por comoções que se dão, majoritariamente, pelo compartilhamento de notícias e pela reprodução de discursos em redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*. São essas atuações frequentes nas mídias sociais que acabam por criar experiências estendidas de copresença no real e virtual (FUENTES, 2020).

A revista digital *Gente*, pertencente ao grupo Globo, a partir de uma detalhada pesquisa, constatou que na semana da morte de George Floyd (25 de maio a 1 junho de 2020), o Brasil gerou on-line quase trinta milhões de interações com a *hashtag* #BlackLivesMatter apenas no *Instagram*.⁸ Se pensarmos o uso de outras redes sociais e da palavra-chave traduzida (#VidasNegrasImportam), esse número pode aumentar exponencialmente.

Em mídias sociais, *hashtags* servem para agrupar assuntos em uma única página de busca, onde ficam reunidos todos os perfis que interagiram com aquela palavra-chave. *Hashtags* atuam, dessa forma, na geração de milhares de comunidades on-line, todas agrupadas em uma única rede social, facilitando a conexão de pessoas que buscam debater os mesmos assuntos, fomentando uma rica troca de experiências, opiniões e sentimento de pertencimento. Nessas mídias sociais, conseqüentemente, uma rede de solidariedade é gerada, nas quais o acúmulo de materiais e emoções possibilita a criação de uma promissora aliança coletiva. Segundo Manuel Castells, em *Redes de indignação e esperança*, “as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando sua indignação, sentindo o companheirismo e construindo

⁸ HUB, Viu. #BLACKLIVESMATTER em números. *Gente*. São Paulo, 2 de jul. de 2020. Disponível em: <https://gente.globo.com/blacklivesmatter-em-numeros/>. Acesso em: 24 de jun. de 2022.

projetos alternativos para si próprias e para a sociedade como um todo.” (2013, p. 134)

Exemplos de grandes mobilizações atuais que ganharam força a partir dessas comunidades on-line são as já citadas: #MariellePresente (2018) e #BlackLivesMatter (2020), e as posteriores: #29MForaBolsonaro e #19JForaBolsonaro (2021). O uso da *hashtag* no nome que representa esses grandes eventos evidencia não apenas a importância que as redes possuem como percursoras na elaboração e propagação desses movimentos, como também indica qual o grupo que toma à frente na construção dessas lutas: uma geração mais nova inteiramente socializada no espaço digital.

Naturalmente, espera-se que em algum momento protestos que se iniciam nas redes sociais irrompam nas ruas. Todos os exemplos anteriormente citados perpassam esse caminho, indo das redes às ruas. Afirmo, portanto, que os protestos de rua equivalem à última etapa de uma luta que se mobiliza em sua prevalência temporal no espaço on-line.

Andréa Bak esteve presente em diversos dos protestos citados anteriormente. No #29MForaBolsonaro, por exemplo, a poeta tomou o microfone para performar um de seus poemas. Na legenda do vídeo que registra o momento, postado no seu *Instagram* pessoal, Bak explica a importância dos protestos de rua:

Ontem no dia 13 de maio, considerado o dia do mito da abolição, com sangue, crueldade e racismo fomos deixados a sermos levados a mitos e farsas epistemicídias que invisibilizaram nossa história e mascararam nossa cultura. Ontem foi um dia de luta, mas continuamos na luta todos os dias, não deixaremos sermos mais alvos e vítimas, seremos resistência, lutaremos pelos os que se foram, pelo os que estão aqui e pelos os que ainda vão vir... Lutar por justiça, para defendermos a memória, multiplicando o legado e plantando sementes...⁹

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CO3kQIqJxA6/>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

Na performance, gravada de forma amadora pelo celular, a poeta se dirige aos manifestantes que ocupam a praça da Cinelândia, importante ponto histórico, cultural e político do Centro da cidade Rio de Janeiro. Sua fala serve de combustível para provocar e encorajar o público presente a seguir firme na luta contra o genocídio preto e pobre que, por diversas vezes no último ano, irrompeu as ruas:

E se zumbi tivesse se conformado em ser um escravo
Qual seria o nosso estado?
E se os quilombos não tivessem sido criados
Qual seria o nosso estado?
Pretos jogados na lama sim
A mercê do estado
Mas hoje transformamos em ódio o que era dor
Pare e repare nessa rebelião
Que a cada ataque as minorias
É o início a revolução
Se for pra contar com a justiça
Ela não é cega, é daltônica
Marielle presente!
E todos aqueles irmãos e irmãs que se vão diariamente
Nas mãos desse Estado genocida
Vidas negras importam!

Nos primeiros versos do poema, Andréa Bak leva o público a reimaginar momentos emblemáticos da revolução preta, como a luta de Zumbi dos Palmares e a força dos quilombos. Nesse jogo, ela ainda brinca com o sentido duplo na palavra “estado”: “qual seria o nosso estado?”, referenciando tanto a condição física como também o território/governo. Nesse poema, Bak aproveita para retomar *slogans* que marcaram e representaram os protestos no Brasil nos últimos anos, como “Marielle presente” e “Vidas negras importam”. Durante a

performance, essas frases foram acompanhadas por palmas e pelo coro da plateia presente, que já conhecia de cor os gritos de guerra.

No momento em que Andréa Bak decide subir o vídeo na sua rede social, ela passa a falar também com os seguidores on-line, levando para o ciberespaço o registro da rua e convidando e incentivando que mais pessoas participem dos movimentos de protesto. A internet exerce, portanto, papel importante de pré e pós-mobilização: a primeira, ao proporcionar um espaço seguro e acessível para a criação alianças e estratégias de enfrentamentos no virtual e presencial; a segunda, possibilitando que ativistas e grupos militantes divulguem registros dos protestos, que servem de documentação de uma valiosa luta popular, ao passo que propagam e impulsionam a importância das manifestações de rua. Segundo Manuel Castells, ao estudar a influência das mídias digitais na Primavera Árabe:

o uso extensivo de redes digitais por uma população de manifestantes predominantemente jovem teve efeito significativo sobre a intensidade e a potência desses movimentos, começando com um debate muito ativo sobre demandas políticas e sociais na mídia social antes de se iniciarem as manifestações. (2013, p. 67).

Retorno ao poema de Carmen Kemoly para pensar outro ponto: o verso no qual a poeta diz que o uso das *hashtags* “é apenas uma tática”. Mesmo que o faça com tom de crítica, Kemoly acaba por evidenciar um papel das redes sociais na fruição de estratégias importantes e indispensáveis para a luta. Esse posicionamento se firma por meio do efeito catalisador que o ciberespaço consegue exercer sobre protestos de rua. Exemplificando: em questões organizativas de encontros físicos, as comunidades construídas nas redes sociais servem como espaço de transmissão de informes sobre os protestos – horários, pontos de encontros, vestimenta, gritos de guerra... Especificamente em tempos de pandemia, esse espaço virtual funciona ainda como instrumento para o encorajamento de práticas de autoproteção, como o uso de máscaras.

Logo, concludo que o trabalho híbrido do on-line e presencial demonstra a influência e impacto que as novas mídias assumem no planejamento e coordenação de manifestações coletivas de rua.

Ao acontecer de forma sincrônica a momentos representativos no debate sobre a pandemia no Brasil (e, conseqüentemente, do debate sobre negligência do Estado em relação aos corpos pretos e pobres do país), as redes sociais do Slam das Minas RJ, por exemplo, se tornam, automaticamente, uma ferramenta catalisadora de protestos. On-line, fez-se possível expandir esse espaço de companheirismo para se pensar, em escala nacional, o papel de poetas e seguidores na luta pela vida em um Brasil pandêmico e desgovernado. Numerosas foram as publicações de *slammers* que conclamaram a história da resistência negra, suas batalhas e vitórias, inspirando e encorajando seguidores a enfrentarem a guerra que se instaurava contra o corpo marginal em meio à crise.

Seguindo com o trabalho de Andréa Bak, cito outro de seus poemas, publicado na mesma semana em que ocorreram os protestos do *Black Lives Matter* (Vidas negras importam) no Brasil:

Cara abre a porta!
 Abre a porta
 Abre a porta desse território que se chama Brasil
 Vê o que tá acontecendo na América Latina
 Vê o que tá acontecendo na Europa
 Por que o Brasil tá silencioso, calado?
 Não tá acontecendo nenhum derramamento de petróleo invadindo
 mais de 10

[estados destruindo o
 nosso mar?
 Não acabou a destruição de mais de 80 por cento da Amazônia não?
 Não tá sendo dizimado o pouco de terra indígena que sobrou?
 Não tem gente na cidade de Deus tendo a casa invadida as 8 horas
 da manhã por um

[policia! que empurra a porta antes de perguntar se tem
 gente em casa?
 Não tá acontecendo nada não?
 Por que o Brasil tá assim?
 Por que o Brasil tá calado?

Tá tudo bem? Tá tudo normal?
Abre a porta
Depois de abrir a porta abre seu olho
Depois de abrir seu olho abre sua mente
Depois de abrir sua mente abre sua boca
Levante dessa cadeira
E vai pra rua fazer alguma coisa
E eu não tô falando de ir pra ato fazer citando com branco pra
depois nós pretos

[sermos detidos não! (como
inclusive foi comigo)
E sim eu converso com branco sim
Pra falar que eu tô cansada de ser chamada pra responder tcc
Com apenas o intuito de falar sobre racismo
Me chame quando for pra propor solução
Não me chame pra ser teu objeto de estudo
Porque eu já estive do outro lado da moeda
Tentando ser a protagonista pra falar da minha própria história
E vocês nos ignoram porra
Vocês nos expulsam porra
Eu tô cansada de foco quando é o branco que quer falar sobre mim
Eu quero falar de mim
E falando nisso
A gente quer evoluir
Mas querer depende do poder
E quando os pretos entram na vida acadêmica
Nosso intelectual é subjugado
Nosso intelectual é infernizado
Como a milênios
E falando sobre protagonismo
Quando é a gente entrando pra academia pra reescrever nossa
história
Trazer uma perspectiva pras criança na aula de história
Pra dizer que na nossa linha tempo não teve só escravidão
Que foi muito mais que chicote nas costas e os pés no chão
E eu não falo isso pra ignorar esse passado branco
Mas sim, pra que a minha prima de 5 anos cresça sabendo os
saberes magníficos

[criados por nossos
antepassados
Saber que temos o potencial incrível pra matemática, afinal o que
são as pirâmides!?

O potencial grandioso para química e biologia, afinal como é que
uma múmia até

[hoje
seria preservada
A literatura de África não é somente oral e se você afirma isso você
é racista

E não é porque escritos e estudos foram roubados e destruídos que a África não foi

[criadora da sabedoria

Eu tenho muito ódio, eu tenho muita revolta

E essa revolta não é só por acúmulo de uma pessoa de 19 anos não

É porque antes de mim tiveram muitos e eu sei que eu carrego esse compromisso.¹⁰

Quarentena Poética. Dia 81)



Andréa Bak na manifestação antifascista e antirracista na cidade do Rio de Janeiro. / Foto: @slamdasminasrj

¹⁰ BAK, Andréa. “Cara abre a porta!”. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBBTUJsJF5T/>. Acesso em: 19 de jun. de 2022.

Assim como Carmen Kemony, Andréa Bak aborda nos versos a tensão vivenciada com a explosão das manifestações antifascistas e antirracistas que repercutiram hibridamente, no digital e nas ruas. O falso engajamento de questões sociais que inundaram as redes recebe, mais uma vez, fortes críticas. Dessa vez, Bak faz um apelo para que os usuários não se mantivessem alheios às mobilizações que se expandiam e ganhavam mais visibilidade pelo país. A escolha de verbos de ação no imperativo, como “abre” e “vê”, criam um sentimento de urgência que percorre todos os versos, seguidos pela estratégia de enumeração, indicando crimes que marcaram o mandato de Jair Bolsonaro como presidente da República.

“Por que o Brasil tá assim? Por que o Brasil tá calado? Tá tudo bem? Tá tudo normal?” As perguntas espinhosas servem de argumentação para convocar seus seguidores: educar-se do que está acontecendo no mundo, tomar partido e lutar ativamente nas manifestações. A imagem escolhida para representar o poema no mural do projeto no *Instagram* ajuda a ambientar toda essa performance convocatória: Bak gritando, rodeada pela multidão, na manifestação pelas vidas negras que aconteceu no dia 31 de maio de 2020, em frente ao Palácio Guanabara no Rio de Janeiro. Na foto, um cartaz é alegoricamente enquadrado, exibindo as hashtags: “#ParemDeNosMatar”, “#ForaGenocida” e “#MariellePresente”.

Em conclusão, Lélia Gonzalez enfatiza a importância que há em desmistificar símbolos pejorativos da imagem de um povo que sempre “buscou formas de resistência contra a situação sub-humana em que foi lançado” (GONZALEZ, 1982, p. 90). Evidencio, a partir disso, o lugar assumido pelo *slam* em colaborar energeticamente na construção de uma educação descolonizadora, que chega atrasada no Brasil e ainda caminha em passos lentos, mas com resultados visíveis, como relata Conceição Evaristo:

Eu cheguei onde cheguei hoje por conta desse nosso trabalho de formiguinha que a gente sabe fazer muito bem. Aquela imagem de escrava Anastácia (aponta pra ela), eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a máscara. Porque todo nosso processo pra eu chegar aqui, foi preciso colocar o bloco na rua e esse bloco a gente não põe sozinha. (EVARISTO, 2017).

Identifico na poesia produzida no período de tensão política e social, aqui contemplada, uma nova urgência em debater a edificação de novas linguagens, vocábulos e imagens (KILOMBA, 2016) que contemplem corpos, vozes e histórias pretas. Poetas como Andréa Bak e Gênesis ao evocarem em seus poemas a história e luta negra, contribuem para uma importante movimentação de manter viva uma herança, historicamente desvalorizada, por meio da escrita e da performance.

Com a possibilidade de intermédio das mídias digitais, faz-se possível semear uma educação negra para além do espaço escolar. Esse movimento ramifica o trabalho de conscientização étnico-racial em atividade no Brasil, indo de encontro a mais pessoas e possibilitando a uma nova geração um exercício que talvez não fosse possível (ou, ao menos, facilmente disponibilizado) à antiga geração: conectar-se com seu passado para conhecer o seu presente e criar pontes para futuros possíveis. Com uma arte crua e imediata, essas *slammers* passam a seguir um lema a tempos compartilhado por Glória Anzaldúa: “para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. (...) Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência.” (2000, p. 232).

Atrevo-me a dizer que o Slam das Minas RJ criou um valiosíssimo arquivo documental da quarentena, registrado por múltiplos olhos poéticos. Chamo esse material de valioso porque temos nele uma detalhada narrativa da trajetória do Brasil em meio ao caos pandêmico, e não falo de qualquer narrativa, e sim daquela relatada a partir de uma posição politicamente

desprezada: a da margem. As redes sociais cumprem (em certa medida) um papel democrático ao proporcionar um espaço aberto para que pessoas compartilhem suas ideias, e que essas ideias alcancem outras pessoas, tecendo uma rede de contatos e registros que contempla diferentes vozes e pontos de vista.¹¹ Com o crescimento da internet, e automaticamente com o destaque dado às mídias sociais, esses registros alternativos aos veículos tradicionais são cada vez mais potentes.

REFERÊNCIAS

ALZANDÚA, Gloria. Falando em línguas: Uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos feministas*, CFH/UFSC, v. 8, ed. 1, p. 229-236, 1 jan. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 25 jun. 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. (Tese de doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. 339 p. 2005.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DIANGELO, Robin. 'A maioria das pessoas brancas não sabe dizer o que significa ser branco', diz autora de best-seller americano sobre racismo. [Entrevista concedida a] Renata Izaal. *O Globo*, Rio de Janeiro. 30 de jul. de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/a-maioria-das-pessoas-brancas-nao-sabe-dizer-que-significa-ser-branco-diz-autora-de-best-seller-americano-sobre-racismo-1-24507700#newsletterLink>. Acesso em: 25 de jul. de 2022.

¹¹ Não podemos esquecer que no Brasil muitas pessoas não possuem acesso à internet, sendo assim, esse espaço democrático ainda se restringe a uma parcela da sociedade para quem a internet é uma realidade viável.

EVARISTO, Conceição. In: Conceição Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. [Entrevista concedida a] Carta capital. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em 22 de jul. de 2022.

FUENTES, Marcela. Activismos tecnopolíticos: Constelaciones de performances. 1a ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2020. 272 p.

GONZALEZ, Lelia. O movimento negro na última década. In: Lugar de negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

KILOMBA, Grada. Descolonizando o conhecimento – uma palestra performance. Trad. Jessica Oliveira. 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/23391789/>

Tradução para o Português de DESCOLONIZANDO O CONHECIMENTO
Uma Palestra- Performance de Grada Kilomba. Acesso em: 28 jul. 2022.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte & Ensaios. Revista do ppgav/eba/ufrj; n. 32. 2016.

SKIDMORE, T. Fato e mito: descobrindo um problema racial no Brasil. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 79, p. 5-16, nov. 1991.

Recebido em 31/08/2022.

Aceito em, 10/12/2022.